



**CRÊSÇA**

COMIDA. JUSTIÇA. PLANETA.

**CRESCENDO PARA  
UM FUTURO MELHOR  
RESUMO EXECUTIVO**



**Oxfam**

[www.oxfam.org/grow](http://www.oxfam.org/grow)

A Oxfam foi criada em 1942 em resposta a uma crise alimentar. Setenta anos depois, o mundo enfrenta uma outra – desta vez, uma crise que ameaça a todos nós. A emergência de 1942 foi causada pela Segunda Guerra Mundial. Já a crise da atualidade é produto de uma injustiça global grotesca. Aproximadamente um bilhão de pessoas enfrentam a fome todos os dias, enquanto os padrões não sustentáveis de consumo e produção dos quais elas são excluídas inseriram todos nós em uma rota de colisão com os limites ecológicos do nosso planeta.

Os sinais de advertência são claros. Entramos em uma era de crise: de altas vertiginosas nos preços dos alimentos e crescimento exacerbado dos preços do petróleo; de disputas por terra e água; de uma mudança climática progressiva e insidiosa. A alta acentuada dos preços dos alimentos em 2008 empurrou cerca de 100 milhões de pessoas para a pobreza. As elevações de preços até agora, em 2011, fizeram o mesmo para mais de 44 milhões.<sup>1</sup> Estas estatísticas mascaram milhões de histórias individuais de sofrimento e aflição, enquanto as famílias lutam para conviver com a pobreza, que se aprofunda. As famílias se endividam. As mães ficam sem refeições e atendimento médico. Os idosos são abandonados.

A fome é o indicador de uma doença mais profunda. Apesar do enorme aumento em produtividade e rendas ao longo das décadas recentes, a fome global está em ascensão. Apesar do consenso científico generalizado sobre a mudança climática e de uma robusta base econômica para uma ação rápida e decisiva, continuamos a gerar cada vez mais gases de efeito estufa. Apesar dos avanços nos direitos das mulheres e do amplo reconhecimento de seu papel fundamental em assegurar que as famílias se alimentem, os recursos têm sido rotineiramente negados a elas. Além disso, seus talentos e suas posições de liderança vêm sendo igualmente rejeitados.

A paralisia é imposta sobre nós por uma poderosa minoria que detém direitos adquiridos e lucra com o status quo. As elites legislam em causa própria e acumulam riquezas às custas das populações rurais empobrecidas. Os lobbies referentes aos biocombustíveis de grãos apropriam dos subsídios que desviam alimento das bocas das pessoas para os tanques de combustível dos carros. As indústrias sujas bloqueiam a ação sobre as emissões. As empresas de transporte marítimo cobram taxa extra por frete de emergência para ajuda alimentar, retirando recursos dos contribuintes e do próprio povo para quem a ajuda se destina. Enormes empresas de agronegócios, escondidas da vista do público, funcionam como oligopólios globais, controlando cadeias de valores, regulando mercados – e sem prestar contas a ninguém.

<sup>1</sup> <http://www.bloomberg.com/news/2011-04-16/zoellick-says-world-economy-one-shock-away-from-food-crisis-1-.html>

**Este é um resumo executivo do relatório da Oxfam “Crescendo para um futuro melhor: justiça alimentar em um mundo de recursos limitados”, que define em linhas gerais a base da campanha “Cresça”, da Oxfam. O relatório e a pesquisa que o apoia, os estudos de caso e as informações sobre a campanha “Cresça” estão disponíveis em <[www.oxfam.org/grow](http://www.oxfam.org/grow)>.**

---

## Os subsídios mundiais para a energia renovável são da ordem de US\$ 57 bilhões, um valor bem aquém se comparado com os US\$ 312 bilhões investidos para os combustíveis fósseis.

---

Os governos têm falhado principalmente em resistir a esses interesses – para evitar o controle da formulação das políticas, interromper a pilhagem de recursos públicos ou regulamentar as poderosas empresas. De igual forma, os governos têm negligenciado as necessidades das populações pobres e vulneráveis, especialmente as mulheres, demonstrando uma alarmante falta de vontade para abordar os fatores que desencadeiam a fome, a desigualdade e o colapso ecológico.

Corremos agora o risco de uma inversão completa no desenvolvimento humano. Uma nova pesquisa encomendada pela Oxfam para o relatório “Crescendo para um futuro melhor: justiça alimentar em um mundo de recursos limitados” prevê aumentos reais de preços para grãos básicos da ordem de 120 a 180% nas duas próximas décadas, à medida que as pressões por recursos ganham impulso e a mudança climática se acelera.

---

O Consultative Group on International Agricultural Research (CGIAR) – grupo líder no mundo, composto por centros de pesquisa agrícola para países em desenvolvimento – conta com um orçamento anual de US\$ 500 milhões, menos da metade dos US\$ 1,2 bilhão gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) pela empresa multinacional Monsanto.

---

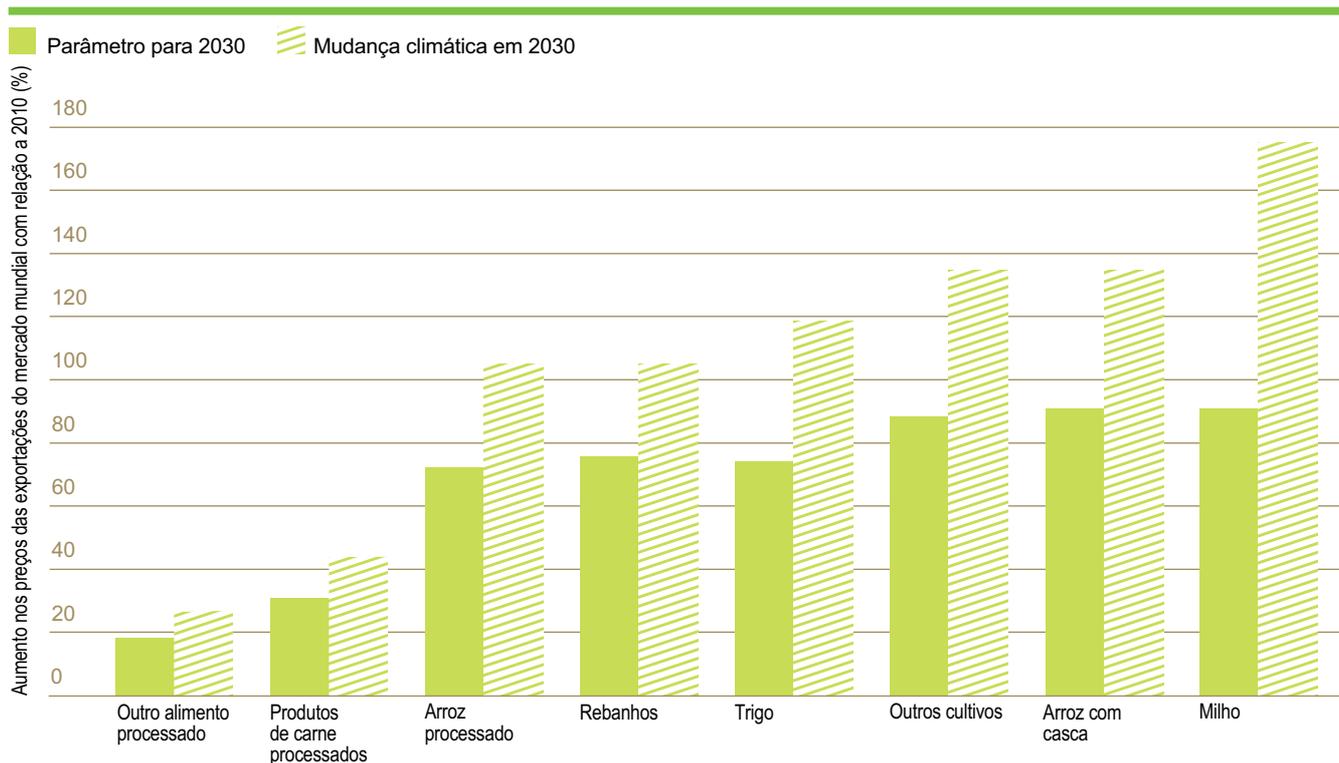
O apoio para biocombustíveis no mundo custa US\$ 20 bilhões por ano.

---

Estima-se que três empresas de agronegócios – Cargill, Bunge e ADM – controlam entre elas aproximadamente 90% dos grãos comercializados.

---

**Figura 1: Impacto previsto da mudança climática sobre os preços de exportação no mercado mundial para 2030**



Fuente: Willenbockel (2011) 'Exploring Food Price Scenarios Towards 2030', Oxfam e IDS

A campanha "Cresça", da Oxfam, traz uma mensagem simples: outro futuro é possível, e podemos construí-lo juntos. Ao longo dos próximos anos, uma ação decisiva em todo o mundo pode fazer que centenas de milhões de pessoas alimentem suas famílias e evitem que uma catastrófica mudança climática destrua o futuro delas (e o nosso). Porém, isso somente será possível se nós, coletivamente, interrompermos nosso caminho sonâmbulo em direção ao desastre ecológico. Esta campanha é um grito de alerta da Oxfam.

Devemos trazer esperança e oportunidade para aproximadamente um bilhão de pessoas que vivem famintas hoje. Simultaneamente, devemos confrontar o desastre que nos espreita, incentivado pela demanda em espiral por alimentos e pela colisão iminente entre os sistemas ecológicos (que sustentam a vida) e os sistemas econômicos (que sustentam a riqueza). Além disso, devemos reformular um regime internacional incapaz de proteger os mais vulneráveis. Há três desafios que devemos enfrentar.

Somente 40% de cada dólar de contribuinte dos Estados Unidos (EUA) gasto em ajuda alimentar é investido efetivamente na compra de alimentos. A aquisição de frete marítimo para a ajuda alimentar dos EUA no mercado aberto poderia servir para alimentar mais de 3,2 milhões de pessoas em situações de emergência.

## O desafio da produção sustentável

O sistema alimentar deve ser transformado. Até 2050, haverá 9 bilhões de pessoas no planeta, e a demanda por alimento terá aumentado em 70%. Tal demanda deve ser atendida apesar dos rendimentos reduzidos, do aumento da escassez de água e da crescente competição pela terra. A agricultura deve se adaptar rapidamente à mudança climática e reduzir drasticamente sua pegada de carbono.

Entre 1983 e 2006, a participação da ajuda internacional na agricultura caiu de 20,4% para 3,7%. Durante este período, o suporte dos governos de países ricos aos seus próprios setores agrícolas subiu vertiginosamente para mais de US\$ 250 bilhões por ano – 79 vezes sua ajuda agrícola.

O montante de terra cultivável per capita chegou a quase a metade desde 1960.

A agricultura responde por até 30% das emissões mundiais de gases de efeito estufa.

**A demanda por água aumentará em 30% até 2030.**

## O desafio da equidade

Devemos abordar as espantosas iniquidades que assolam o sistema alimentar desde a propriedade agrícola até a mesa. Produzimos mais alimentos do que necessitamos. Nos países ricos, jogamos fora uma boa parte deles. Nos países em desenvolvimento, aproximadamente um bilhão de nós carece deles.

A fome e a pobreza estão concentradas em áreas rurais. Liberar o potencial da agricultura do agricultor familiar – a espinha dorsal do sistema alimentar – representa nossa maior oportunidade isolada de elevar a produção de alimentos, aumentar a segurança alimentar e reduzir a vulnerabilidade da população. Contudo, as mulheres e os homens produtores de alimentos são rotineiramente privados dos recursos de que precisam para viver: água, tecnologia, investimento e crédito, entre outros. Enormes extensões de terra na África e em outros lugares estão sendo entregues para investidores por preços extremamente baixos, em acordos comerciais que oferecem pouco às comunidades locais.

---

Os consumidores nos países ricos chegam a desperdiçar até um quarto do alimento que compram.

---

Em mais da metade dos países industrializados, 50% ou mais da população tem excesso de peso.

---

80% dos investimentos recentes em terra permanecem sem desenvolvimento.

---

Quatro entre cada cinco pessoas não têm acesso a proteção social de qualquer tipo.

---

## O desafio da resiliência

O sistema alimentar está cada vez mais frágil. Os choques dos preços do petróleo são transmitidos aos preços dos alimentos por intermédio dos custos de fertilizantes e de transporte. Os eventos meteorológicos estão causando perturbações no suprimento. O capital especulativo estourou bolhas nos mercados de commodities. Talvez o mais chocante seja o papel dos governos em desencadear, em vez de evitar, crises nos preços dos alimentos. As políticas de estreitas perspectivas (voltadas aos próprios interesses de grupos econômicos), a competição infrutífera (como a empreendida por programas de biocombustíveis que utilizam alimentos) e as proibições às exportações tornam uma situação ruim ainda pior.

Devemos aumentar acentuadamente nossa capacidade de gerenciar coletivamente os riscos e criar resiliência a choques e volatilidade. Porém, as instituições necessárias para proteger os mais vulneráveis são muitas vezes inadequadas ou estão ausentes.

---

40% das colheitas de milho nos EUA terminam nos tanques de combustível dos veículos e não nas barrigas das pessoas.

---

Proporcionar às mulheres agricultoras o mesmo acesso aos recursos oferecido aos homens poderia aumentar seus rendimentos em 20 a 30%.

---

**Em 2010, apenas 63% dos apelos de emergência da ONU foram financiados.**

---



# Uma nova prosperidade

Felizmente, a vasta transformação necessária já está em andamento – liderada por indivíduos, organizações e movimentos que assumiram o futuro em suas próprias mãos. No Brasil, 20 anos de ativismo da sociedade civil e dos movimentos sociais desafiaram as elites, ampliando os horizontes políticos e ajudando a eleger políticos com visão e propósito moral. O resultado foi uma grande quantidade de políticas para combater a fome que produziu resultados notáveis. O Vietnã alcançou resultados significativos mediante a reforma agrária e um ambicioso programa de investimentos na agricultura familiar. No Canadá, uma campanha política organizada, com participação da Oxfam, teve sucesso em liberar a ajuda alimentar. Os consumidores cada vez mais exigem produtos que tenham origem ética e sustentável. As campanhas sobre mudança climática em países desenvolvidos e em desenvolvimento têm ajudado a incentivar iniciativas de políticos e empresas responsáveis, elevando a pressão sobre as empresas que bloqueiam ações arrojadas sintonizadas com o bem comum.

Estas vitórias, e outras semelhantes, indicam o caminho para uma **nova prosperidade** além deste período de crise. Uma era em que valorizaremos adequadamente o meio ambiente e compartilharemos com equidade os recursos do mundo. Uma nova conjuntura na qual os governos resistam aos interesses particulares de oligarquias e orientem recursos e bens públicos para o bem-estar de seus povos, regulamentando o mercado de acordo com os interesses legítimos da maioria. Um novo contexto no qual as empresas não possam lucrar com a pilhagem de nossa base de recursos, mas, em vez disso, encontrem retornos saudáveis de soluções de desenvolvimento para os desafios que enfrentamos. Um cenário no qual todos tenham acesso aos recursos de que precisam para que possam se alimentar e suprir suas famílias.

A escala do desafio é grande. Uma mudança de ritmo é necessária para que se crie a nova prosperidade antes que o planeta sofra um desastre irreversível. Precisamos de três grandes mudanças: lidar com as crises, reformular a agricultura e chegar a um entendimento com relação ao nosso meio ambiente.

---

O Vietnã alcançou a primeira Meta do Milênio – reduzir a fome pela metade – cinco anos antes do programado.

---

Em 2009, o aumento da capacidade energética dos Estados Unidos e da Europa proveio em maior medida de fontes de energia renováveis, como a eólica e a solar, que de fontes convencionais, como o carvão, o gás ou a energia nuclear.

---

Em 2009, a Apple e a Nike abandonaram a Câmara de Comércio dos EUA em protesto pela sua recusa em apoiar a legislação climática norte-americana.

---

## Criar uma nova governança global para evitar crises alimentares

A prioridade máxima dos governos deve ser atacar a fome e reduzir a vulnerabilidade das populações. Eles devem criar resiliência mediante a geração de empregos, a adaptação à mudança climática e investimentos em redução do risco de desastres e ampliação da proteção social.

Devemos administrar o comércio para gerenciar os riscos, criando um sistema de reserva de alimentos. Precisamos aumentar a transparência nos mercados de commodities e estabelecer regras sobre restrições às exportações. Por fim, devemos eliminar os subsídios agrícolas distorcidos do comércio. A especulação financeira deve ser regulamentada e precisa ser desarticulado o suporte para biocombustíveis de grãos que desviam os alimentos da mesa das pessoas.

De igual forma, devemos reformar as instituições internacionais de que precisamos para responder aos choques. A ajuda alimentar deve ser desvinculada e a comunidade internacional deve mudar para um sistema de financiamento de 100% para emergências, por intermédio de contribuições diretas avaliadas. Um novo fundo global do clima para financiar a adaptação em países em desenvolvimento deve ser estabelecido e provido de recursos.

## Construindo um novo futuro agrícola

O vasto desequilíbrio em investimentos públicos na agricultura deve ser corrigido, redirecionando os bilhões que estão agora sendo carregados para a agricultura industrial não sustentável em países ricos, para atender às necessidades dos produtores de alimentos em pequena escala nos países em desenvolvimento. Porque é assim que os importantes ganhos em produtividade, intensificação sustentável, redução da pobreza e resiliência podem ser alcançados. Doadores e organizações internacionais devem continuar a aumentar os gastos na agricultura com base em uma assistência geral ao desenvolvimento e investir na adaptação agrícola. Novas regulamentações globais são necessárias para controlar os investimentos em terra para assegurar que ela produza retornos sociais e ambientais. Já os governos nacionais devem fornecer suporte público para a agricultura sustentável de pequena escala e, ao mesmo tempo, regulamentar criteriosamente o investimento privado em terra e água para assegurar que mulheres e homens pauperizados tenham acesso seguro a estes recursos naturais.

As empresas também devem aproveitar as oportunidades oferecidas pela agricultura familiar para: diversificar e garantir seu suprimento; atender à crescente demanda de consumidores preocupados com o desenvolvimento sustentável; e desenvolver novas tecnologias. Já os Estados ativos devem intervir em searas nas quais as empresas têm medo de ingressar – devem: direcionar pesquisa e desenvolvimento (P&D) para as tecnologias corretas destinadas aos produtores pobres; ajudá-los a vender sua produção em termos decentes; fornecer-lhes suporte com treinamento; e proporcionar-lhes acesso a financiamentos para seus negócios.

---

## A fome caiu em um terço no Brasil entre 2000 e 2007.

---

## Construir um novo futuro ecológico

A corrida para um futuro sustentável já começou. Neste sentido, existirão enormes oportunidades para os que chegarem primeiro. Os governos nacionais devem intervir para acelerar e direcionar a transição. Eles devem investir em bens públicos, como P&D em energia limpa. Devem criar incentivos, por intermédio de subsídios e isenções fiscais, para dirigir o capital privado para onde ele é necessário. Devem taxar as empresas indesejáveis – como as que são responsáveis por emissões maciças de gás de efeito estufa – para orientar a atividade econômica no sentido de alternativas desejadas. Além disso, devem regulamentar as empresas para que parem de poluir e devem encorajá-las a fornecer bens e serviços que de outra forma não o fariam.

Finalmente, nosso sucesso ou fracasso em construir um novo futuro ecológico dependerá da efetividade de que nossos líderes políticos cheguem a um acordo justo e ambicioso com relação à mudança climática.

### Ações para 2011

Não há tempo a perder. O ano de 2011 proporciona oportunidades cruciais.

Quando os líderes do G20 se reunirem em novembro, eles vão decidir se vão e como vão gerenciar os preços dos alimentos e controlar os mercados a fim de oferecer proteção contra futuras crises alimentares. Eles devem aumentar a transparência em commodities e nos mercados de futuros, ampliar as reservas de alimentos, regulamentar os especuladores financeiros e concordar com mecanismos inovadores baseados no mercado para arrecadar finanças para o clima, como o imposto sobre transações financeiras ou taxas sobre combustíveis da aviação internacional e do transporte marítimo.

Quando os negociadores sobre o clima mundial voltarem a se reunir em Durban, na África do Sul, no final de 2011, eles devem deixar em pleno funcionamento o fundo para o clima global acordado em 2010, levando em conta as mulheres e assegurando que o fundo conte com dinheiro suficiente para gastar, tanto originado de novas formas de financiamento como de contribuições diretas de governos.

Quando o Comitê sobre Segurança Alimentar Mundial (CFS, por sua sigla em inglês) se reunir em outubro, ele deve concordar em regulamentar as aquisições de terra em larga escala a fim de garantir que as populações em situação de pobreza tenham acesso seguro aos recursos naturais.

À medida que governos doadores renegociam a Convenção para a Ajuda Alimentar, eles devem concordar em desvincular a ajuda alimentar – liberando-a das amarras dos interesses particulares – e, com um só golpe, aumentar sua eficiência, seu senso de oportunidade, sua eficácia e seu alcance.

Existem ações que todos os governos devem adotar hoje para criar resiliência em seus próprios países e iniciar a transição no sentido de um novo futuro agrícola. Em particular, os governos devem reduzir a fome, proporcionando às mulheres igual acesso aos recursos, promovendo o desenvolvimento da agricultura sustentável, criando empregos e promovendo um crescimento inclusivo, e atacando a vulnerabilidade dos povos, mediante a adaptação climática, a proteção social e a redução do risco de desastres naturais.

# Como chegaremos até lá?

A escala do desafio não tem precedentes, da mesma forma que a recompensa: um futuro sustentável no qual todos tenham o suficiente para comer. Alcançar a **nova prosperidade** a tempo exigirá toda a energia, engenhosidade e vontade política que a humanidade deve dominar. Para criar novas instituições de governança, investir na agricultura do pequeno produtor e produtora e reduzir as emissões globais de gás de efeito estufa, devemos primeiro superar os interesses particulares que têm paralisado o processo político até agora.

A **nova prosperidade** terá que ser construída simultaneamente de cima para baixo e de baixo para cima. De cima para baixo, líderes promissores orientarão o sucesso. Líderes políticos resistirão a interesses particulares, inspirarão seus cidadãos e mobilizarão suporte por intermédio do governo para regulamentar, corrigir, proteger e investir nos interesses legítimos da maioria. Os líderes empresariais vão romper com os lobbies prejudiciais da indústria, fortalecendo a vontade de políticos e de governos genuinamente comprometidos com a mudança. Eles vão adotar regulamentação progressiva em vez de buscar miná-la ou reduzir sua força. Eles vão deixar de impor seus custos sociais e ambientais sobre os outros e florescerão encontrando maneiras de extrair o máximo de benefícios dos recursos escassos, respondendo às demandas dos consumidores e à pressão do público.

De baixo para cima, as redes de cidadãos, consumidores, produtores, as comunidades, os movimentos sociais e as organizações da sociedade civil exigirão mudança dos governos e das empresas – alterando incentivos políticos e empresariais mediante as decisões que adotam e as escolhas que fazem. A prosperidade é possível mediante a liderança de estilos de vida de baixo carbono, com a aquisição de bens de fair trade (“comércio justo”) e com a exigência social de mudança em manifestações nas ruas ou por meio do processo eleitoral. A campanha da Oxfam trabalhará com esses grupos e muitos outros semelhantes, para gerar momentos comuns para a mudança. Juntos, desafiaremos a ordem atual e estabeleceremos um caminho em direção à nova prosperidade.

[www.oxfam.org/grow](http://www.oxfam.org/grow)

© Oxfam International – Junho, 2011

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam International em Junho de 2011 (ISBN 978-1-84814-859-8)